



## UMA VIAGEM DE CAMPO COM OS POVOS MARISQUEIROS E PESCADORES NA VILA DE AJURUTEUA, BRAGANÇA, PARÁ, BRASIL

### AN IN LOCUS RESEARCH ACTIVITY GROUP AND FISHERMAN PEOPLE IN THE VILLAGE OF AJURUTEUA, BRAGANÇA, PARÁ, BRAZIL

**Siméia Dias Santana Peres** – UFT – Porto Nacional –Tocantins – Brasil  
e-mail: [simeiadsantana@gmail.com](mailto:simeiadsantana@gmail.com)

**Silvaney da Silva Barros** – UFT – Porto Nacional –Tocantins – Brasil  
e-mail: [ssilvaneyssilva@gmail.com](mailto:ssilvaneyssilva@gmail.com)

**Eliseu Pereira de Brito** – UFNT – Araguaína –Tocantins – Brasil  
e-mail: [eliseu.brito@ufnt.edu.br](mailto:eliseu.brito@ufnt.edu.br)

#### RESUMO:

Este ensaio trata-se de uma observação *in lócus* feita por meio de um trabalho de campo em Bragança, no estado do Pará. A atividade de campo tem suas particularidades e buscou-se por meio de uma leitura sobre os povos amazônidas um estudo sobre suas paisagens e seus territórios, com foco principalmente no modo de vida dos marisqueiros e pescadores de Ajuruteua. A forma de fazer a pesquisa foi por descrição de campo orientada sobre as categorias do território e territorialidades. Os procedimentos se deram pelo uso da fotografia, da entrevista e de travessias com os catadores de caranguejos nos manguezais. O mundo dos sujeitos nos transparece litígios pelo território de posse dos locais de residências e de trabalho. A vila sob demanda de empreendimentos turísticos, com pessoas que lá não habitam, tornam-a um local dormitório, que se contrapõe a vila dos Pescadores que sem a infraestrutura, os moradores sobrevivem em palafitas, desprovidos de equipamentos básicos como postos de saúde. O conflito do território também é pelo espaço aquático, e as empresas de pescados disputam com pequenos jangadeiros, pescadores e marisqueiros os melhores locais de pescarias.

**Palavras-chave:** Povos marisqueiros, Territórios de pesca marítimas, Manguezais, Área de Transição.

#### ABSTRACT

This essay is an in-locus observation carried out through field work in Bragança, in the state of Pará. The field activity has its particularities and we sought, through reading about the

---

Amazonian peoples, a study on their landscapes and their territories, focusing mainly on the way of life of shellfish gatherers and fishermen from Ajuruteua. The way of carrying out the research was through field description guided by the categories of territory and territorialities. The procedures were carried out through the use of photography, interviews and crossings with crab collectors in the mangroves. The world of subjects reveals to us disputes over the territory of ownership of their places of residence and work. The village under demand from tourist developments, with people who do not live there, makes it a dormitory place, which is in contrast to the Fisherman's Village where, without the infrastructure, the residents survive on stilts, devoid of basic equipment such as health centers. The territorial conflict is also over water space, and fish companies compete with small rafters, fishermen and shellfish gatherers for the best fishing spots.

**Keywords:** Shellfish farming people, Maritime fishing territories, Mangroves, Transition Area.

## INTRODUÇÃO

O objeto de relato dessa experiência de campo, são os povos amazônidas (comunidades, marisqueiras e pescadores), que vivem na área do município de Bragança, numa pequena vila litorânea chamada de – Ajuruteua -, no nordeste do estado do Pará. O nome da vila vem de um pequeno arbusto que se desenvolve nas áreas de restingas entre o mangue e a praia, com pequeno fruto comestível vendido na praia pelos moradores locais.

Foi com uma proposta de visita e pesquisa na comunidade de Ajuruteua que esta discussão para estudos da Geografia da Amazônia e área de transição com focos sobre os povos e seus territórios na Amazônia feita no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG/UFT). Assim, as atividades de campo têm sido um mecanismo que agregam a teoria à prática, possibilitando novos olhares e percepções sobre o objeto de estudo.

A aula de campo foi realizada com foco na vila dos pescadores, (aproximadamente 36km do município referido), no vilarejo litorâneo – Ajuruteua. Os procedimentos metodológicos utilizados nesse processo, foi observações, fotografias, elaborações de mapas específicos e descrições de paisagens, tanto do espaço urbano de Bragança (/PA)

---

quanto da vila de pescadores, através do contato real com as comunidades locais de ribeirinhos, marisqueiros e pescadores, procurando dialogar com autores que analisam a conjuntura territorial dos povos amazônidas.

## **POVOS AMAZÔNIDAS**

Ao estudar a Amazônia e especificamente, os povos amazônidas, não basta restringir-se apenas aos aspectos teóricos, é necessário um mergulho nessas comunidades com intuito de experienciar o contraste entre as expectativas e o vivido. Conforme Silva (2016, p.19), o lugar é “dotado de significados positivos e/ou negativos”. Nesse sentido, compreende-se a relevância da observação nas comunidades tradicionais para entender o simbolismo do lugar para as pessoas que vivem nessas regiões bem como a precariedade de infraestrutura e os desafios encontrados por esses ribeirinhos no dia-a-dia. Para Silva (2016, p.21), o estudo do campo a partir da percepção do lugar deve “reconhecer e descrever a região, sua origem, formação e evolução reconhecendo sua individualidade, personalidade e singularidade em seus aspectos naturais e sociais”. Nessa perspectiva, ao estudar os povos amazônicos houve a necessidade de conhecer o município de Bragança.

A escolha do município de Bragança, com foco de pesquisa em comunidades marisqueiras e pescadoras para a realização dessa atividade de campo, deve-se ao fato do município ser um dos mais antigos da Amazônia e um espaço importante de atividade econômica na rede urbana do nordeste paraense, movida ao comércio pesqueiro e marisqueiro, principalmente exercido por comunidades tradicionais amazônidas. Bragança é um município de importância histórico-cultural. Atualmente, segundo fontes do IBGE (2022), tem uma população de 123.082 habitantes, localizado no nordeste do estado do Pará, à margem esquerda do rio Caeté e distanciado da capital, Belém,

aproximadamente 200km. A cidade é conhecida como a “Pérola do Caeté” e a “Terra da Marujada”.

**Figura 1** – Localização do município de Bragança (PA).



Organização: os autores, 2024.

Trata-se de uma localização estratégica entre as capitais dos estados do Pará e do Maranhão. No entanto, fora da rota das rodovias de maior movimentação e com interrupção da Estrada de Ferro. Em todo o contexto de ocupação do estado do Pará, trata-se de uma área que tinha uma dinâmica econômica importante. Ressalta-se também, que fica localizado às margens do rio Caeté, importante via fluvial para o transporte de deslocamento dos pescadores para o oceano Atlântico.

---

**Figura 2** – Vista do rio Caeté, importante via de circulação de pessoas e mercadorias no porto central da cidade de Bragança



Foto: Autores (2023)

Inicialmente, a primeira atividade de campo direcionada foi conhecer a dinâmica do espaço urbano da cidade. O município, considerado um dos mais antigos da Amazônia, foi percebido logo, na visualização de prédios e monumentos com características de construções marcando uma época do processo de migrações e produção do espaço urbano.

Percebeu-se também, a assimetria da paisagem no centro da cidade, entre prédios históricos e construções modernas, Santos (2001. p, 103), ressalta que “a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. Os espaços são essas formas mais a vida que os anima”.

Essa cidade, com mais de quatro séculos de história, possui enorme riqueza arquitetônica, natural e cultural. Fator perceptível na dinâmica territorial do espaço geográfico, com destaque para prédios de construções históricas religiosas.

Um aspecto perceptível durante a atividade de campo, foi a localização de uma importante feira de produtos regionais, principalmente da farinha de Bragança e do pescado e mariscos, além de mercadinhos com produtos diversos às margens do rio Caeté. Nesse contexto, Ribeiro (2017, p. 7) afirma, “assim como se verifica nas demais cidades

---

amazônicas que vivenciaram ou vivenciam a circulação propriamente pelo rio, a concentração comercial e de serviços se processa junto à orla fluvial”.

**Figura 3** – a) Templo de São Benedito na orla da cidade. b) Catedral Nossa Senhora do Rosário dos Negros. As duas igrejas constituem um patrimônio histórico da cidade de Bragança, preservados.



Foto: PERES (2023)



Foto: PERES (2023)

Ressalta-se que, a cidade de Bragança atualmente é um dos maiores pólos pesqueiros do Pará com exportação nacional e internacional. Também é um centro importante na extração de caranguejo-icá e mariscos diversos, atividade exercida principalmente por povos tradicionais amazônidas. Também é conhecida por produzir de forma artesanal pelos agricultores familiares uma das melhores farinhas, conforme os moradores dessa região, a mesma declarada como integrante do patrimônio cultural do estado do Pará.

**Figura 4** – a) Ambiente de mangues de coletas de caranguejos e suru. b) Venda de caranguejo na vila de Ajuruteua por populações tradicionais.



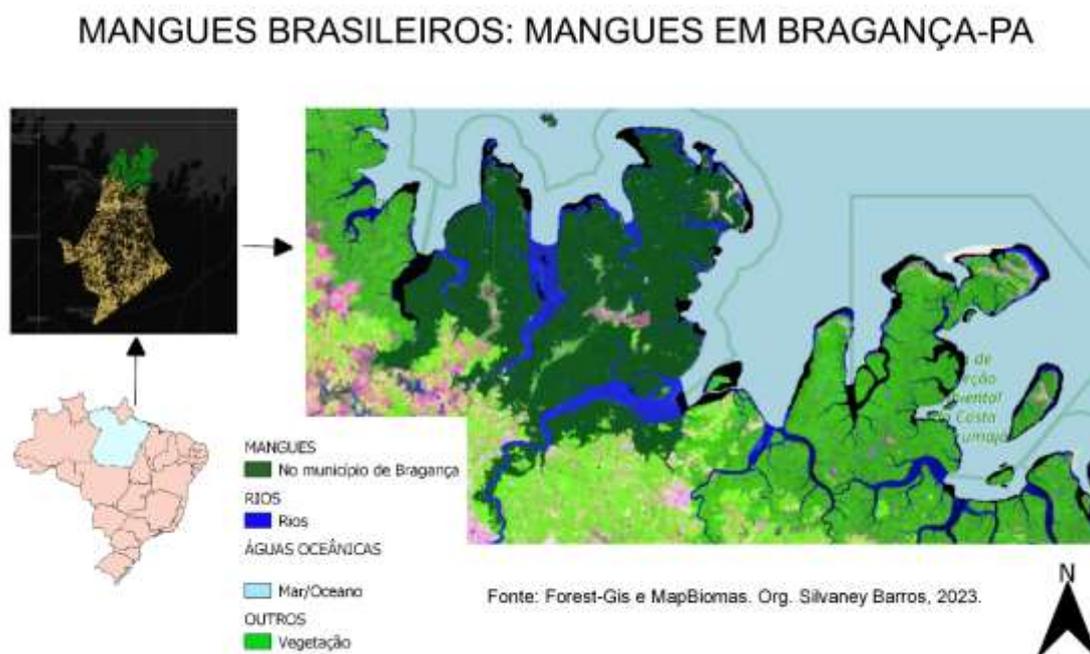
Fonte: os autores, 2023.

As belezas naturais dessa cidade são notadas nos igarapés e praias da região do rio Caeté, principalmente no vilarejo de Ajuruteua. Nesse espaço concentra-se um dos maiores manguezais do mundo, povoado por povos tradicionais que praticam a pesca artesanal, que tem neste ecossistemas litorâneos a segurança alimentar e o sustento de suas famílias.

Ao ressaltar a exuberância desse panorama natural amazônico e representatividade de vida para esses povos, Filho e Brito (2020, p. 46) afirma que, “no ambiente das paisagens amazônicas tem disponível o peixe, a água para beber e cozinhar, nesse lugar se desenvolve palmáceas frutíferas para alimentar as civilizações as margens”. A vila de Ajuruteua está no município de Bragança ligada pela rodovia PA 458, uma obra que faz parte do “grandes projetos” para urbanização da Amazônia, iniciado o planejamento de construção, no governo militar (1964-1985) e concluída na década de 1990. A consolidação dessa rodovia é benéfica à comunidade pesqueira da localidade, além de proporcionar positivamente o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo. Segundo Alves (2016, p. 231), “com a estrada, os coletores passaram a ter mais facilidade na comercialização do crustáceo, uma vez que os marreteiros (compradores da

produção), se fizeram presentes, peças fundamentais nas trocas comerciais”. Quesito também ressaltado no diálogo na atividade de campo com mulheres marisqueiras residentes na Vila dos Pescadores.

**Figura 5** – mapa da faixa litorânea com ecossistemas dos manguezais em evidências.



Fonte: Base de dados do Florest-Gis e MapBiomias. Organização: os autores, 2024.

A experiência de campo e o contato direto com a comunidade de pescadores e marisqueiros bragantinos possibilitou olhares sensíveis em relação ao trabalho e moradia desses povos. Observou-se, que a moradia em sua maioria é feita de madeiras, tipo palafitas, estratégias utilizadas, devido às marés altas que podem destruir as estruturas de alvenaria.

Rebello et al, (2017, p. 107), afirma que, “essas moradias em sua maioria, são feitas de madeiras, cobertas de palhas ou telhas. Ressalta-se que as casas são do tipo palafitas para evitar as grandes marés, quando as águas costumam invadir a Vila dos Pescadores, ocorrendo intenso processo de erosão, pela força das águas”.

---

**Figura 6** – Habitações em áreas de manguezais em palafitas. Entre a casa da vila e os palacetes de veraneio para turistas.



Fotos: os autores, 2023

Dessa forma, essas residências não são permanentes, podendo ser removidas mais facilmente para outros lugares. Outro fator observado com os moradores da vila trata-se do fato da área litorânea de Ajuruteua pertencer à União, especificamente à Marinha Brasileira e, por esse motivo, os imóveis não podem ser vendidos ou comprados. No entanto, esse espaço já territorializado por grupos que há tempo ali residem, como pescadores artesanais, marisqueiros e pequenos comerciantes que beneficiam das transações comerciais do turismo, disputam o território, gerando conflitos e que de certa forma, apresenta conflitos pelo uso do lugar.

Assim, o manguezal amazônico foi o principal destino dessa atividade de campo, a área de maior foco do estudo, principalmente no que tange os povos amazônidas (ribeirinhos, pescadores e marisqueiros) que tiram do mangue, o necessário para à sua sobrevivência.

---

**Figura 7** - faixa litorânea da praia de Ajuruteua. O avanço das palafitas sobre a areia em contato direto com os movimentos das marés.



Foto: os autores, 2023

Outro fator notado foram as transformações na zona costeira do mar, percebe-se nessa área um processo erosivo a qual vem causando uma perda de área de restinga. Conforme os moradores de Ajuruteua nos últimos anos o nível da água do mar subiu muito, a tal ponto dos moradores que viviam nessa região costeira ter que abandonar suas casas.

Como já enfatizado nesse texto, Bragança é um dos importantes pólo exportador de pescado do Pará, ofício exercido por comunidades tradicionais que residem nas áreas do manguezal.

Assim, a preservação dos mangues e das comunidades tradicionais são relevantes para o desenvolvimento de pesquisas na área da sociobiodiversidade, essas gentes são detentoras de saberes do manejo e da apropriação e do uso dos recursos naturais. Neste contexto, Diegues (1995), afirma que:

Essas populações humanas têm percepções complexas do meio marinho, seus fenômenos naturais. De um lado, um vasto conhecimento empírico adquirido pela observação continuada dos fenômenos físicos e biológicos (ventos, marés, reprodução dos cardumes de peixes) que hoje começa a ser explorados para tais fenômenos, também passam pela representação simbólica e pelo imaginário dos povos do mar. (DIEGUES, 1995, p. 05-06).

---

**Figura 8** – O mar, as palafitas e os mangues, os limites da natureza e do avanço do homem sobre os mangues e do oceano sobre as áreas de habitações. Os vestígios dos manguezais são visíveis nos tocos que aparecem sobre a areia.



Foto: os autores, 2023.

De acordo com o autor, os povos pescadores desenvolvem afinidade com seus respectivos recintos habitacionais, acumulando conhecimentos e saberes que são passados de geração em geração.

Assim, esse contato direto com a cultura e com os povos permitiu-nos descobrirmos também gargalos que impedem, de fato, o desenvolvimento econômico e social destas comunidades. Dessa forma, as comunidades habitáveis especificamente na Vila dos Pescadores em Ajuruteua, conforme depoimentos colhidos, não são amparadas por políticas públicas de suporte advindas do Ministério da Pesca e sem incentivo econômico por parte da gestão municipal bragantina.

Diante dessa problemática, um depoente, ao ser questionado sobre a existência de uma associação participativa entre os povos (pescadores e marisqueiros), quesito que visaria facilitar a busca por recursos financeiros, o indivíduo afirmou que tem uma organização, mas não especificamente uma associação. No entanto, com pouca atuação e com interesses divergentes entre os membros e dos anseios da população residente na vila, fator que os torna vulneráveis diante de situações econômicas e sociais.

---

Nesse contexto, Lescute et al, (1996, p. 91) descreve que, “a exploração dos produtos nos seus ecossistemas naturais enfrenta duas limitações: disponibilidade de recursos e baixa produtividade de mão-de-obra. A intensificação da produção pode ser conseguida através da melhoria das práticas e modelos de gestão”.

Com o suporte de políticas públicas de desenvolvimento econômico e uma associação atuante, poderia melhorar o rendimento mensal do extrativismo animal, já que maior parte destas comunidades tem somente essa renda, complementada com bolsa família, propiciando-os às condições mínimas e dignas de sobrevivência.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desse trabalho de campo proporcionou novas reflexões geográficas, uma vez que ao estudar a Amazônia e a história de seus povos somente por pesquisas bibliográficas e leitura de textos produzidos por pesquisadores, temos visão de uma dimensão de realidade dos seus autores e no campo, podemos experienciar vivências com sujeitos que constroem seus mundos a revelia de uma resistência no/ao território.

O campo é mais uma forma de fazer geografia, de construir pesquisas com olhares sobre a paisagem e territórios dos seus povos e que entendemos que a pesquisa geográfica pode ser feita por gabinete ou laboratório. Neste caso, o campo se mostrou um laboratório de pesquisa com amplas possibilidades de temas e provocador de debates diversos sobre os amazônidas.

A região visitada é uma parte dos povos amazônidas (ribeirinhos, pescadores e marisqueiros) e possui importante repertório cultural, digno de ser preservado como patrimônio cultural e histórico.

O que percebeu-se, em contato direto com esses sujeitos, o descaso do poder público em relação à preservação dos mangues, fomentos e recursos econômicos para subsidiar a atividade pesqueira. Ou seja, a necessidade de políticas públicas baseadas na sustentabilidade, valorizando os recursos extrativos na região da Amazônia. Assim,

---

estabelecendo a garantia da segurança alimentar a esses povos, proporcionando-os uma vida digna e saudável.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alexandre de Brito. Estrada Bragança-Ajuruteua: desenvolvimento e progresso (1975-1984). **Revista Ars Historica**, ISSN 2178-244X, nº12, Jan/Jun 2016, p. 229-250 | [www.ars.historia.ufrj.br](http://www.ars.historia.ufrj.br)

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. **Geosul**, Florianópolis, v. 63, n. 32, p.229-248, jan. 2017.

BRITO, Eliseu Pereira de; SILVA, Henrique Martins da. Resignificações da vida ribeirinha: das margens do rio Tocantins ao Assentamento Mirindiba em Araguaína – Tocantins – Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 24, n. 1, ago. 2021. ISSN 2179-7536. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/8751>>. Acesso em: 28 abr. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v24i1.8751>.

DIEGUES, Antônio Carlos. Povos e mares: uma retrospectiva de sócio-antropologia marítima. In: DIEGUES, A. C. S. (Org.). **Povos e mares: uma leitura em sócio-antropologia marítima**. São Paulo, NUPAUB, 1995.

LESCURE, Jean-Paul; PINTON, Florence; EMPERAIRE, Laure. O povo e os produtos florestais na Amazônia Central: uma abordagem multidisciplinar do extrativismo. In: CLUSENER-GODT, Miguel; SACHS, Ignacy. **Extrativismo na Amazônia Brasileira: perspectivas sobre o desenvolvimento regional**. Montevideo, Uruguay: Unesco, 1996.

REBELLO, Fabrício Khoury. JÚNIOR, Francisco Pereira Smith. LOPES, Maria Lúcia Bahia. GARVÃO, Rodrigo Fraga. CORRÊA, Rosália do Socorro da Silva. Efeito da degradação ambiental no espaço natural da praia de Ajuruteua (PA): Percepção dos pescadores locais. **Nova Revista Amazônica**, Ano V., Volume 1. maio, 2017

RIBEIRO, Willame de Oliveira. Cidade de porte médio de importância histórica: particularidades de Bragança no Nordeste do Pará. **Caderno de Geografia**, v.28, n.52, 2018.

---

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, Andressa da Luz; BRITO, Eliseu Pereira de ; et al. Uma reflexão de alunos de graduação da importância do trabalho de campo na formação do geógrafo. **Revista Tocantinense de Geografia**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 351–361, 2023. DOI: 10.20873/rtg.v12i27.16812. Disponível em: <https://ufnt.acaoacademico.com.br/index.php/geografia/article/view/16812>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SOUSA FILHO, H. N. ; BRITO, Eliseu Pereira de . Olhares amazônidas em suas paisagens. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 12, p. 36-53, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/OREG-v12-n1-2021-59088>

SILVA, Vânia Regina Jorge da. Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar. **Revista Digital Simonsen**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 11-30, jun. 2016. Geografia. Disponível em: [www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen). Acesso em: 18 maio 2022.

---

**Siméia Dias Santana Peres** - Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Especialista em Educação Especial Inclusiva (2016) pela FAPAF - Araguaína/TO , LIBRAS e Educação para Surdos (2019) pela Universidade Norte do Paraná. Especialização em andamento em Ensino de História e Geografia e suas Linguagens pela Unicesumar (2023). Especialização Lato Sensu em andamento em Arte Educação pelo IFTO/Gurupi (2024). Licenciada em História (2004) e Pedagogia (2008), ambas pela Universidade Estadual de Goiás. Atualmente é professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins e do Município de Gurupi, desde 2010. Com atuação no Ensino Especial com Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atuações em formações continuadas para professores da Educação Básica. Vencedora do Projeto: Professor Inovador - 2021 (Educação Municipal de Gurupi). Pesquisadora, membro do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência em Gurupi/TO.

**Silvaney da Silva Barros** - Formado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína/TO. Técnico em Agroecologia pela Escola Família Agrícola de Porto Nacional/TO. Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - Campus de Porto Nacional/TO. Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFT) durante o ano de 2020 a 2022. Atuoso como professor no Colégio Estadual Joaquina Maria da Silva de Esperantina/TO - no período de agosto/2023 a dezembro/2023. Áreas de atuação: Geografia e Agroecologia.

**Eliseu Pereira de Brito** - Possui Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. É mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa GEGATO - Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins e Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos, Agrários e Regionais - NURBA/UFT. Pesquisador Externo do LABOTER/UFG. Desenvolver pesquisas sobre

---

"Território e territorialidades das comunidades ribeirinhas na Amazônia Legal - Tocantins" e sobre "Bioeconomia dos povos amazônicos". Desenvolve leituras no Grupo de Estudo sobre os "lugares" em Jöel Bonnemaison". Atualmente é Professor Associado do Curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da UFNT. Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Geografia UFT - Porto Nacional Editor Geral da Revista Tocantinense de Geografia.

---

Recebido para publicação em 25 de abril de 2023.

Aceito para publicação em 28 de abril de 2024.

Publicado em 29 de abril de 2024.